

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL



EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum**Non praevalent*

Ano LIV, número 2 (2.802)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 12 de janeiro de 2023



Na audiência geral o Papa inaugurou um novo ciclo de catequeses dedicado à evangelização

Diante de Nossa Senhora em oração pela paz

«**N**ão esqueçamos a atormentada Ucrânia, sempre no nosso coração; a este povo que está a viver sofrimentos cruéis, expressamos o nosso afeto, a nossa proximidade e as nossas orações». Durante a audiência geral, na manhã 11 de janeiro na Sala Paulo VI, o Papa Francisco deteve-se alguns momentos em silêncio diante do ícone da Virgem Maria, conhecido como

Nossa Senhora do Povo, venerada na Bielorrússia, rezando por aquele querido país e pela paz. O Pontífice convidou todos a unir-se «espiritualmente a esta minha oração». Anteriormente, inaugurando um novo ciclo de catequeses dedicado à «paixão pela evangelização», afirmou que «sem zelo apostólico, a fé esmorece. Ao contrário, a missão é o oxigénio da vida cristã: revigora-a e purifi-

ca-a. Dirigindo-se aos fiéis presentes na Sala Paulo VI e aos que o seguiam através dos meios de comunicação, o Pontífice frisou a «beleza» de comunicar a fé aos outros. «Nós — explicou — somos aqueles que anunciamos o Senhor, não anunciamos a nós mesmos, não: anunciamos Jesus».

PÁGINA 9

Ao Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé novo apelo ao cessar-fogo imediato na Ucrânia

Um desarmamento integral para pôr fim à guerra



«**N**enhuma paz é possível onde alastram os instrumentos de morte», reiterou o Papa durante o tradicional encontro no início do ano no Vaticano com o Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé. No longo discurso, Francisco repropôs a relevância das indicações da *Pacem in terris* de São João XXIII e começou por recordar o diálogo respeitador e construtivo entre a Santa Sé e a República Popular da China. Manifestou a sua preocupação pela situação mundial, em especial a atual guerra na Ucrânia; assim como pela Síria, terra martirizada, pelo aumento da violência entre palestinianos e israelitas...

Recordou também a peregrinação de paz que no final deste mês fará à República Democrática do Congo e ao Sudão do Sul, sem esquecer outras realidades nas quais as consequências dos conflitos não resolvidos continuam a pesar muito. Frisou, em particular, a situação no Cáucaso do Sul, no Iémen, na Etiópia... Manifestou apreensão pela situação na África Ocidental, cada vez mais afligida pelas violências do terrorismo e no Myanmar, que há dois anos experimenta violência, dor e morte. Por fim, dirigiu um pensamento à península coreana, desejando que não falem boa vontade e empenho na concórdia. Sem esquecer as várias crises políticas em diversos países do continente americano, com o seu fardo de tensões e formas de violência que exacerbam os conflitos sociais, como o que aconteceu recentemente no Peru, Brasil, Haiti e Líbano.

PÁGINAS 6, 7 E 8

Mensagem para o Dia mundial É atroz e injusto deixar os doentes sozinhos e abandonados

«**A** condição de solidão, de abandono» que muitas pessoas vivem é «uma atrocidade» que deve ser «superada antes de qualquer outra injustiça», foi a advertência feita pelo Papa na mensagem — publicada a 10 de janeiro — para o XXXI Dia mundial do doente, que será celebrado a 11 de fevereiro, memória litúrgica da Virgem de Lourdes, sobre o tema «Trata bem dele». A compaixão como exercício sinodal de cura». Inspirando-se na parábola do Bom Samaritano, o Papa Francisco observou que existe «uma profunda ligação» entre a história do Evangelho e «as muitas formas pelas quais a fraternidade hoje é negada». Em particular, a conclusão da parábola «sugere que o exercício da fraternidade, iniciado por um encontro presencial, pode ser alargado à assistência organizada» para garantir «a cada ser humano o acesso aos cuidados e o direito fundamental à saúde».

PÁGINA 12

Reflexão litúrgico-pastoral
para o domingo 11 do tempo comum

Nova relação de Deus
com o homem

D. ANTÓNIO COUTO NA PÁGINA 11

O rito dos batismos na Capela Sistina

Aprende-se a rezar quando se é menino



PÁGINA 4

À altura das crianças

ANDREA MONDA

Wislawa Szymborska tinha razão quando cantava que «para o nascimento de uma criança, o mundo nunca está pronto». Isto é sempre verdade, e ainda mais se a criança que nasce é também a criadora daquele mundo sempre despreparado, se aquela criança que chora pelo frio na gruta húmida de Belém coincide com o Todo-Poderoso porque, como disse Jan Twardowski «o Todo-Poderoso é capaz de tudo / portanto também de chorar / o Todo-Poderoso quando ama também sabe ser / o mais frágil».

Nós, cidadãos do Velho Continente (ou do Continente Velho?), somos os menos preparados para o nascimento de Jesus e, por conseguinte, de qualquer criança: não conseguimos administrar toda essa complexidade, a riqueza dessa surpresa, aquele sermos surpreendidos por um semelhante a nós mas mais pequenino, que é, portanto, ao mesmo tempo mais frágil e dependente, mas também mais forte do que nós, que nasce nu e pobre e, por isso, mais livre.

Para os católicos, o paradoxo do Natal, de um Deus que, para refazer todo o percurso humano preferiu corretamente nascer numa gruta, tornou-se mais pesado de suportar, talvez porque intelectualizámos a fé, perdendo aquela sua fisicalidade, que é, no entanto, um aspeto fundamental: o catolicismo é a religião mais materialista, segundo a lição de Romano Guardini. Tornámo-nos, com efeito, aqueles «sábios e inteligentes» a quem o Senhor manteve as coisas escondidas «para as revelar aos mais pequeninos» (Mt 11, 25), e os pequeninos conhecem as coisas de Deus, é suficiente parar um momento e olhar para eles, com atenção, procurando estar à sua altura, que nos supera.

Qualquer pessoa que tenha vivido a experiência de educar os filhotes de homem (e todos nós somos chamados a ter tal experiência mais cedo ou mais tarde, pois todos nós temos uma responsabilidade para com as gerações sucessivas à nossa) compreende a verdade dos versos de Ja-

CONTINUA NA PÁGINA 5